

CÉU CARREGADO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

17/7/58

Fala-se muito agora em união ou entendimento entre os chamados partidos do centro. Homens tão diferentes como o sr. Raul Pila e o sr. Carlos Lacerda lançam a mesma fórmula condicionada à mesma reforma parlamentarista. Com suave ironia, ou talvez sem ironia nenhuma de sua parte, o dr. Raul Pila espera que o Presidente da República se convença da vantagem de se livrar dos problemas que dia a dia se tornam mais numerosos e mais intrincados, e até espera que seja capaz de compreender a maior altitude do cargo que deverá exercer no novo regime.

A idéia desse entendimento dos partidos do centro é a de fazer frente à ameaça comunista que vem se tornando maior com a infiltração do credo vermelho nas hostes do PTB. Não se trata de renunciar à oposição e muito menos de pleitear cargos junto à situação, como enfaticamente acentuou o dr. Raul Pila, e sim de promover um entendimento que neutralize, com as reservas comuns das forças conservadoras, as forças que ameaçam o cerne da democracia. Antes de entrar em considerações sobre o mérito de tal união eu gostaria de saber, com ciência certa, o que pensa dela o sr. Juscelino Kubitschek. Se, como imagino, o sr. Kubitschek não pensa nem sonha com a reforma parlamentar; se a austeridade e a altitude de cargo presidencial em regime parlamentar não consegue ter para ele, como imagino, os encantos apregoados pelo ilustre líder libertador; se em suma, o entendimento não tem "chances" de viabilidade, então nós podemos estranhar a estratagema atitude de dois homens que devem possuir melhores dados do que nós. Estará realmente o Presidente da República começando a desconfiar que não pode dar contas do recado? Correrá ele ao encontro da fórmula que lhe descalça as botas apertadas? Não parece. A última vez que o vimos na Televisão, no dia da chegada dos jogadores campeões, o sr. Juscelino Kubitschek parecia, mais do que nunca, alvoroçado, radiante, trêfego e feliz no seu modo peculiar de ser feliz. Agitado, bulhoso, o Presidente não ficava quieto dez segundos. Virava-se para um lado, para outro, abraçava, sorria, tornava a abraçar e a sorrir, escrevia bilhetinhos para os que estavam atrás, dava recados aos que estavam mais próximos, descobria de repente que o pobre Cardial ficara relegado para um plano secundário e subalterno. Chamava o Cardial e logo esquecia o Cardial. Batia palmas quando as palmas eram para o próprio Presidente da República, e descobrindo o engano parava de bater e então ficava com um ar compungido e quase de mãos postas. Não prestava atenção a nenhum dos discursos, por ser pouca a de que dispunha para a sua efervescência interior, e quando o embaixador da Suécia, em meio de um discurso, parou três segundos e disse: "Sr. Presidente", assustou-se como colegial chamado de repente pelo professor. Decididamente aquela figura que nós vimos na Televisão não corresponde ao que poderíamos esperar, de um homem preocupado. Não sei se o dr. Raul Pila viu o programa. Se viu, fica mais difícil pensar que foi involuntária a sua ironia, e também fica mais difícil de entender o utópico irrealismo de sua bandeira. Quanto às dificuldades econômicas e financeiras do país, que o sr. Lucas Lopes, ao que dizem, conhece muito bem, também não se pode dizer que o Presidente esteja, ou demonstre estar preocupado. O delírio de Brasília chegou naquele ponto em que Braz Cubas montou no hipopótamo. Vamos a galope, não para a origem, mas para o fim dos séculos. A meta é o fim do mundo. Dizem que há vinte mil homens trabalhando na estrada que deverá ligar Belém a Brasília, antes de ligar o Brasil ao fim do mundo. Entenderíamos a pressa do Presidente nos vínculos de comunicações e transportes com Rio e São Paulo, que já nos parecem aleatórias. Os ca-

nais telefônicos, por exemplo, ainda não foram começados e não serão feitos de modo algum no prazo sonhado. Ora, quando essas ligações de primeira importância nos pareciam irrealizáveis, dispara a NOVACAP, em cima de seu hipopótamo, em direção a Belém.

Não. Decididamente não acreditamos que o Presidente esteja preocupado e disposto a descalçar a bota que lhe parece ser uma bota de sete léguas. Não será ele, pelo que se vê e pelo que se ouve, quem se deixe levar pelo engodo da austeridade apregoada pelo dr. Raul Pila.

E se fosse? Se as aparências encobrissem um personagem assoberbado e esmagado pelo sentimento de responsabilidade? Se a alma estivesse em contradição com a tiloide presidencial? Seria boa a solução lembrada pelos srs. Raul Pila e Carlos Lacerda?

Como pretexto de reforma, seria boa; mas não creio que em si mesma seja boa essa fusão, ou esse entendimento dos chamados partidos do centro, para fazer frente à ameaça comunista. Tenho para mim que só há um meio de fazer frente a essa ameaça: é a de promover uma revolução diferente, uma reforma mais profunda do que a simples mudança de regime. Sem a reforma agrária, sem o surgimento de novos eixos de nova mentalidade, sem a eclosão de um movimento organicamente democrático, vitalmente democrático, que corresponda aos mais profundos anseios da multidão desfalçada e que responda ao apelo misterioso que vem de todo o mundo atual, não podemos fazer frente ao movimento que nasce de um ressentimento, de uma neurose coletiva. No panorama dos quadros partidários, a união da UDN com o PSD seria a consolidação de um peso, de uma carga social que representa na marcha do mundo um papel de "feed-back" negativo, isto é, um papel de retutância, de resistência, de junta do colco, que seria útil, que comporia o quadro, se nele existissem outros partidos mais sincronizados com os problemas dos tempos modernos. Coligar as forças conservadoras e deixar a bandeira das reformas nas mãos dos comunistas me parece uma estranha maneira de combater o credo de Moscou. Se o partido Democrata Cristão entre nós estivesse desembaraçado do clericalismo e de outras mediocridades, seria a força para enfrentar o comunismo, como foi na Bélgica e na Alemanha. A idéia que anima esse partido lá onde ele é eficaz tem virtudes para neutralizar a apalxonada estupidez marxista ou kruchevista; mas para nosso desconsolo não temos aqui, a não ser em pequenos germes promissores, um partido real e efetivamente parecido com o alemão ou o belga. E por isso, por causa da falta de um partido vitalizado pelos reais anseios do mundo, eu tenho medo e vejo com enorme apreensão o entendimento dos partidos chamados do cen-

tro. Seria bom, teria alcance imediato eleitoral, talvez bastasse para conjurar, no momento, o espectro da ditadura militar; mas seria apenas um adiamento, uma protelação, com agravamento de todos os problemas, se não o acompanhasse, de perto, um movimento mais amplo e mais profundo de reforma social. A política é feita de uma composição de coisas imediatas com coisas remotas; pede medidas urgentes e exige tendências de longo alcance. Quem quiser fazer uma política só de sucessos imediatos, sem consulta dos perenes azimutes que vem da lei natural, peca por maquiavelismo, por pragmatismo, e geralmente cuida só dos proveitos pessoais que pode tirar da coisa pública: é a política dos espertos e dos "realistas". Mas também, quem quiser fazer uma política só de longo alcance peca contra a justiça, contra o bem comum que pede realizações presentes para os que hoje trabalham e sofrem. É muito raro o caso do desvario utópico que polariza a política em termos sinceros de longo alcance: em regra geral, o longo alcance, que imola os presentes, que exige sacrificios, que faz programas quinquenais, que promete um novo Brasil para daqui a cem anos, é apenas disfarce do mesmo maquiavelismo, que achou essa fórmula mágica para colher glórias e proveitos atualíssimos, enquanto a multidão espera o advento do futuro glorioso. O que se vê aqui no Brasil de nossos dias é a combinação dos dois dispartes: a política da esperteza anda de braços com a da utopia, que só é utópica para quem nela acredita sem ter parte no lucro do espetáculo.

A boa e fecunda ação política tem de harmonizar o urgente com o perene, tem de resolver a aflição de hoje com cuidado para não aumentar a de amanhã. O bem comum compõe-se de dois termos: o que concerne ao dia que passa, com seu trabalho e suas aflições, e o que concerne à direção, à tendência que deve seguir a grande caravana, ligada por sorte comum. É às vezes difícil, e releva de mais elevada prudência, achar a solução equilibrada que dá o devido quinhão ao presente e ao futuro. O essencial, no caso, é não perder de vista o duplo aspecto do grande problema humano. É por isso que vejo com apreensões o tal entendimento dos partidos do centro, que assim pretendem vencer o comunismo com o puro peso da inércia, com a espessura da omissão, com a opacidade da beiosmia que fica a podar votos, a fiscalizar nomeações, a prender arruaceiros, sem ter a idéia de se debruçar e de procurar as raízes do problema. Será preciso relembrar que as fórmulas burguesas, psicologicamente, moralmente, espiritualmente burguesas, não são antidotos do comunismo? A história mostra o contrário. O comunismo é o filho mal-educado, é o filho delinqüente da sociedade burguesa.